

O Jornal Nacional e sua recepção entre jovens universitários¹

Isabel Travancas- Fundação Casa de Rui Barbosa²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a recepção do **Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão** por um grupo de estudantes universitários cariocas. Para isso, foi realizada uma etnografia de audiência com 16 estudantes de quatro cursos diferentes: Medicina, Comunicação Social, Pedagogia e Serviço Social de universidades públicas e particulares da cidade do Rio de Janeiro. Este artigo inicia-se com uma pequena discussão sobre a construção do telejornal e seus critérios de seleção de notícias. Em seguida, aborda-se a interpretação que os jovens estudados fazem da forma e do conteúdo das matérias jornalísticas. Foi possível constatar que há uma maneira fluída e dispersa de assistir televisão por parte destes jovens, assim como concluir que, embora o **Jornal Nacional** não seja a única fonte de informação, ele é uma referência para o universo pesquisado.

Palavras-chave: televisão, recepção, jovens, jornal, estudantes

O Jornal Nacional e a notícia

O pesquisador inglês Stuart Hall(1980: in Wolf, 2004:121) afirma que a cultura não é uma prática nem simplesmente uma descrição dos hábitos e costumes de uma sociedade. Ela aparece através de todas as práticas sociais e das suas interrelações. Neste sentido, os meios de comunicação de massa têm uma função importante e atuam como elemento ativo de elaborações coletivas. Ainda que muitas vezes os jornais e os jornalistas sejam considerados fontes secundárias para o estudo de nossas sociedades complexas, penso que eles são uma chave na produção cotidiana de representações coletivas. E como destaca Sara Dickey(1997:1) em seu artigo *'La antropologia y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicacion'* o que está em questão é a

¹ Trabalho apresentado ao NP 05 - Núcleo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

potência que estas representações têm na construção de imaginários, identidades e relações de poder. E, sem querer endossar a perspectiva da chamada "Teoria Crítica" ou "Escola de Frankfurt", da qual T. Adorno e M. Horkheimer são expressivos representantes, creio que a mídia contribui na formação de subjetividades e no nosso próprio entendimento da realidade.

Neste trabalho gostaria de destacar o papel da notícia na imprensa em geral e nos telejornais em particular. A meu ver, a notícia é um produto das complexas interações que constituem a vida social. Dentro de um amplo universo de fatos ocorridos, os jornalistas estabelecem critérios que determinarão quais destes fatos serão vistos como notícias e conseqüentemente divulgados. No tempo e no espaço, ao longo da história da própria imprensa, estas definições vêm se transformando mas continuam sendo concepções simbólicas socialmente construídas. A notícia estará sempre ancorada em um critério de classificação, em uma taxonomia que os jornalistas compartilham, da mesma forma que seus leitores, ouvintes e telespectadores. Já em 1901, o pensador francês Gabriel Tarde, autor clássico das ciências sociais, discutia o conceito de opinião pública partindo da análise da relação do leitor com seu jornal (1992: 42):

"Após alguns tentos, o leitor escolheu seu jornal, o jornal selecionou seus leitores, houve uma seleção mútua, portanto uma adaptação mútua. Um submeteu-se a um jornal de sua conveniência, que adula seus preconceitos ou suas paixões, o outro a um leitor do seu agrado, dócil, crédulo, capaz de ser dirigido facilmente mediante algumas concessões a suas idéias análogas às preocupações oratórias dos antigos oradores."

Estabelece-se uma relação, um contrato, muitas vezes denominado "contrato de leitura"³, entre o veículo e seu público. Está implícito que o público concorda ou pelo menos aceita o filtro seletivo realizado diariamente pelos jornalistas, filtro que produz um modo de leitura da realidade social. O **Jornal Nacional**⁴ estabelece este vínculo

² Jornalista, mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional-UFRJ, doutora em Literatura Comparada-UERJ, pesquisadora bolsista Faperj do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Babosa. Email:isabeltravancas@yahoo.com

³ Para uma discussão sobre a idéia de contrato de leitura ver: VERON, E. *A produção de sentido*. SP: Cultrix/USP, 1980, entre outros. A noção de contrato de leitura foi desenvolvida por Eliseo Veron. Ele entende o contrato como um dispositivo de enunciação adotado para um suporte. E não importa o meio - pode ser jornal, cinema, rádio ou TV. O que importa é a relação entre o suporte e o seu público. A análise do contrato abrange todos os dispositivos: a cobertura, a relação texto-imagem, o modo de classificação dos textos, os títulos e as chamadas, a paginação assim como os percursos propostos ao leitor.

⁴ O telejornal das oito da noite da **Rede Globo de Televisão** está no ar desde 1º de setembro de 1969 e é um dos programas de maior audiência da emissora. Segundo dados do Ibope de 2004, 42% dos domicílios estavam sintonizados no **JN** às 20 horas. E os 43 pontos de audiência significam em torno de 35 milhões de espectadores e mais de 60% dos televisores ligados na **TV Globo** no horário do noticiário.

com a sua audiência, por mais ampla que ela seja. O editor-chefe do jornal, William Bonner, comenta que o público pode não saber o que vai ver no **JN**, mas sabe o que não vai ver, como ficou demonstrado através de uma pesquisa de opinião feita pela empresa. Bonner afirma que "o público não vai ver sangue, não vai ver imagens que possam chocá-lo desnecessariamente, não vai tomar conhecimento de detalhes escabrosos de crimes escabrosos." Não é à toa que a expressão usada pelo público pesquisado é "o jornal cobre as coisas, mas de um jeito limpo". E é isso que ele espera do **Jornal Nacional**.

E este público não se dá conta do que ficou fora do noticiário, nem como o que entrou foi selecionado. Ele dá ao jornalista "carta branca" para, a partir de seus critérios e hierarquias, selecionar as informações que ele precisa ou deseja saber. Para isso foram criados os valores-notícias. São critérios para selecionar dentro do material disponível na redação o que deve ser incluído na edição final e funcionam também como guia, sugerindo o que deve ser enfatizado e o que deve ser omitido na apresentação da notícia. Os valores-notícias ajudam a entender um pouco a velocidade e a superficialidade com que os jornalistas decidem o que merece ser abordado e o que ficará de fora. Alguns autores chegam a dizer que notícia é aquilo que os jornalistas definiram como tal. Entretanto, o que me parece importante destacar dentro desta lógica cotidiana dos jornais é como esta seleção, baseada nas chamadas "rotinas produtivas", é necessária para a sobrevivência das empresas jornalísticas. Foi preciso criar regras e critérios que possibilitassem lidar com a grande quantidade de acontecimentos imprevistos. A seleção é uma resposta prática ao fluxo ininterrupto e abundante de acontecimentos. Como destaca Gans(1979: in Wolf 2004:224): "*La selección de las noticias es un proceso decisional y de opción realizado rápidamente(...) Los criterios deben ser aplicables fácil y rápidamente, de forma que puedan tomarse decisiones sin reflexionar demasiado*". E isso, sem dúvida, exige um consenso entre os jornalistas sobre estas escolhas e também uma definição hierárquica clara onde os que têm mais poder podem impor seus pontos de vista.

Por outro lado, percebo que estes elementos ajudam na formação de uma visão de mundo dos jornalistas, também já discutida em outro trabalho(Travancas:1993) Desejo ressaltar aqui a idéia de que estes valores-notícias vão sendo naturalizados pelos jornalistas em seus cotidianos profissionais. E acabam operando como estruturas ocultas que exigem destes um conhecimento consensual sobre o mundo. Isso implica na noção de que o jornalista tem um "sexto sentido", um "faro para a notícia", noção esta que se

aproxima da idéia de notícia como algo raro e de interesse humano. Esta idéia, porém, não evidencia as distintas dimensões culturais e ideológicas que permeiam as notícias, nem as relações de poder que estas muitas vezes ocultam.

É a partir do entendimento de consenso como um princípio organizador básico da informação que se pode analisar a afirmação de Bonner sobre a notícia no **Jornal Nacional**. O seu compromisso é "*mostrar todos os dias, independentemente do tempo de produção disponível, aquilo que de mais importante se deu no Brasil e no mundo naquele dia.*" Esta é, a seu ver, a função mais importante do jornal. E parece também consenso entre os jornalistas que a notícia de interesse humano pela sua raridade terá sempre espaço. Trago aqui, como exemplo, a edição do **JN** de 27 de fevereiro de 2004 que acompanhei. Inúmeros assuntos foram abordados e discutidos ao longo do dia. Alguns foram selecionados, outros adiados, outros ainda excluídos a partir de critérios em alguns momentos mais explícitos, em outros mais automáticos, mais naturalizados. Naquela edição, nesta "bricolagem" que dá aos telejornais uma forma fragmentária, com assuntos muitos distintos, tratados de maneira geral de forma superficial, com uma preocupação maior de localização, seja ela geográfica ou social; entrou uma nota sobre um turista australiano que foi preso no Rio naquele dia por ter tirado a roupa no Corcovado. Em que medida este tipo de informação atende a exigência do editor de mostrar o que de mais importante se deu no Brasil naquele dia ? A curiosidade, o pitoresco, a idéia de *soft news*, certamente atuaram na escolha desta notícia.

O **Jornal Nacional** estaria assim produzindo um "jornalismo de entretenimento" tal como o entende Cristina Ponte(2004:119); um jornalismo que considera importante as notícias que dão interpretações de um acontecimento baseadas no "interesse humano" dentro da perspectiva do inusual ou insólito; um jornalismo que, mais do que informação, busca fatos que envolvam gente comum em situações estranhas, a vida privada de pessoas notórias ou situações excepcionais ou heróicas. Estas análises ajudam a entender que o **JN** se constrói como um jornal de informação e de entretenimento. E todas estas reflexões só confirmam a perspectiva já diversas vezes apontada por Eugênio Bucci(2000:27) de que o telejornalismo é emocional. A seu ver, o telejornal somou à idéia de espetacularização um procedimento melodramático como se o que estivesse sendo apresentado fosse quase uma ficção. Estão presentes as idéias de ficção e de narrativa no noticiário televisivo, assim como a abundância de estratégias de personalização da notícia. Para encerrar esta etapa, porém, destacaria um comentário feito por Bonner no final do dia em que estive acompanhando a produção do **JN**. Ele

abordou alguns trabalhos acadêmicos de pesquisadores que, como eu, passaram o dia na redação e observaram as rotinas do jornal. *'Eles falam mal do jornal, criticam muito. Você também vai fazer isso.'* Fiquei pensando o quanto estes dois mundos - o jornalístico e o acadêmico - são distantes e têm poucas relações de troca. E cito um trecho de Golding-Elliot(in Wolf 2004:218) abordando esta relação: *"o que o sociólogo descreve como uma consequência inevitável da organização produtiva, o jornalista entende como uma acusação de manipulação ou de incompetência."*⁵

Os Filhos da Televisão

Pensar em juventude significa pensar em pluralidade e movimento. Hermano Vianna na introdução de *Galeras Cariocas*(Vianna 1997:7-16) já chamava a atenção para a dificuldade de definição do jovem contemporâneo, ao mesmo tempo em que ele é foco de muitas preocupações. A juventude se tornou uma categoria privilegiada na cultura de massa das sociedades capitalistas e aparece como um conceito mais amplo do que simplesmente uma faixa etária. É uma identidade social comunicada e reconhecida através da indústria cultural.

O jovem está inevitavelmente ligado ao futuro, às mudanças, à realização ou não de expectativas. E mais particularmente quando estes jovens estão nas universidades. São estudantes. Ainda não ingressaram completamente no mundo "adulto", no mundo do trabalho, mas já abandonaram a escola secundária, fizeram escolhas de carreiras e muitos deixaram suas famílias e cidades para estudar em um grande centro.

A cidade do Rio de Janeiro, conhecida como "Cidade Maravilhosa", tem hoje mais de cinco milhões de habitantes divididos em cinco grandes áreas e 159 bairros. 20% por cento de sua população é jovem, estando na faixa de 15 a 24 anos. A cidade não distoa do restante do país cuja população nesta faixa etária está em torno de 34 milhões.(Abramo & Branco 2004).

Decidi investigar o universo juvenil porque, sendo professora universitária, sempre me perguntava qual seria a relação de meus estudantes e de outros jovens com a televisão e com a informação. Partindo desta idéia, escolhi delimitar minha pesquisa nos jovens universitários de quatro carreiras distintas.

⁵ Tradução livre minha.

O grupo pesquisado é formado por 16 jovens que estudam no Rio de Janeiro, mas nem todos são cariocas. No grupo há cinco homens e 11 mulheres e eles residem em 13 bairros distintos, seis da Zona Sul(região na orla marítima com bairros de classe média e média alta), seis da Zona Norte(região mais distante da praia com bairros de classe média e média baixa) e quatro da Zona Oeste(região da periferia da cidade, com bairros mais pobres). Cinco são alunos do curso de Serviço Social, cinco de Comunicação Social, três de Pedagogia e três de Medicina. Comunicação Social e Medicina foram escolhidas por estarem entre as carreiras mais disputadas e com uma relação candidato-vaga muito alta, implicando uma enorme concorrência para obtenção de uma vaga em uma universidade pública. Além disso, elas possibilitariam pensar que lidaria com uma elite universitária e me interessou indagar qual a sua relação com a informação e através de quais veículos ela era obtida. Serviço Social e Pedagogia, ao contrário, são cursos de menos prestígio e reúnem muitas vezes alunos oriundos de pré-vestibulares para negros e carentes e jovens que não conseguiram entrar nos cursos que desejavam.

Este universo que pesquisei - estudantes universitários cariocas - tem idade em torno dos 20 anos. Entre os 16 entrevistados, apenas dois têm mais de 25 anos. Portanto todos nasceram depois da televisão. A entrada da televisão na vida social é algo do qual não vão se lembrar uma vez que a televisão começou a funcionar no Brasil na década de 1960, quando a maioria ainda não tinha nascido. Este dado me parece importante porque ajuda a entender a relação de extrema familiaridade destes indivíduos com o veículo. E pode ser um interessante ponto de partida para pensar a "naturalização" do próprio meio.

Para esses jovens, parece estranho pensar em uma vida sem televisão. Ela é parte da rotina, da casa, da vida. Ela é, sem dúvida alguma, mediadora da realidade. A realidade também é entendida, compreendida e absorvida através da sua mensagem. Não creio que a televisão seja uma manipuladora da realidade, como afirmam alguns jovens. Ela é uma fonte de informação e, para muitos, de conhecimento. Uma fonte, não a única, nem para todos a mais importante. Mas é uma referência.

Acredito que essa percepção da televisão como parte da vida social ajuda a entender o fato de a maioria destes jovens destacar que via muita televisão, que adorava televisão quando criança. Eles ficavam horas diante da telinha. O que não acontece mais hoje em dia. Para muitos, por falta de tempo, para outros, por decisão pessoal e, para alguns, por um certo "desencantamento com o mundo televisivo", especialmente o

jornalístico. Vários jovens acreditam que a televisão continua sendo fonte de prazer, diversão e relaxamento. Dentro desta perspectiva está enquadrado também o **Jornal Nacional**. Não é apenas a novela que é classificada como entretenimento ou forma de relaxamento da rotina estressante do dia-a-dia. Mas como um jornal, que muitos afirmam só mostrar notícia ruim, com muitas matérias sobre guerra e violência, pode ser um produto relaxante? Acho que há algo presente no veículo, na empresa **Rede Globo** e no próprio **Jornal Nacional**, que aponta para a permanência, para a manutenção de um certo "*status quo*" que tranqüiliza quem o assiste. Ele estabelece e reafirma uma barreira. O que está na telinha é o mundo. Em chamadas. Não é o "meu" mundo. Quando desligo o canal, me desligo de tudo que ele mostrou e respiro aliviado porque aquele é "outro" mundo.

Por outro lado, para Silverstone (Silverstone 1996:38) os noticiários constituem um ciclo muito bem equilibrado na produção de angústia e calma. Ele ressalta que não é apenas o conteúdo dos jornais que tranqüiliza, mas o seu formato. A maneira como são ordenadas as notícias, os sorrisos dos apresentadores e a última matéria, de "interesse humano", presente em todos os telejornais do mundo, buscam dar segurança ao telespectador. Isto porque a televisão funciona como ordenadora da vida social, das rotinas familiares.

Os jornais fazem uma construção da realidade. Suas editoriais e suas reportagens, a partir de um critério de seleção, trazem o "mundo" para suas páginas, rádios ou telas. Mundo que passa a ser classificado através da lógica jornalística. Barbero (Martin-Barbero 2001:103) acredita que a "*missão do jornalismo seria a de organizar o real, impor uma ordem ao caos(...)*" Por isso faz tanto sentido que muito se critique nos telejornais - e neste caso no **Jornal Nacional** - a presença de matérias dramáticas, violentas e trágicas. Esta seleção, no entanto, é feita pelos jornalistas a partir de regras da redação baseadas em uma idéia de consenso público, expressão aqui entendida não só como princípio organizador da notícia, mas também como elemento que expressa a aceitação de uma mesma cultura e de uma mesma visão dos fatos. Assim notícias negativas ou desagradáveis são assimiladas por muitos telespectadores dentro de um critério classificatório do país e do mundo. E até eventos dramáticos podem ser melhor absorvidos se assimilados dentro de uma lógica própria. Mas nem todos pensam desta forma. Não é à toa que a entrevistada I.Z. comentava que detestava o **JN** quando era pequena porque lhe dava medo e a fazia ter pesadelos.

Um outro aspecto presente em alguns trabalhos sobre televisão, e que as entrevistas confirmam, é a noção do veículo como uma espécie de "relógio social" que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis da vida familiar. São inúmeros os depoimentos que expressam uma organização da vida cotidiana através dos programas. Se a pessoa chega tarde, "*na hora do Jornal Nacional*", se tem tempo livre à noite, "*vejo a novela das oito*", "*meu pai ia para o trabalho depois do Jornal Nacional*". É como se os programas já significassem a hora; como se ela estivesse implícita e fosse desnecessário dizê-la. No caso do **Jornal Nacional** é interessante destacar que para a maioria dos entrevistados é a hora da chegada em casa.

Alguns elementos me ajudaram a pensar sobre este universo e suas características. As suas distinções se dão inicialmente em função de um pertencimento à juventude. A recepção mais fluída, menos fixa, muitas vezes sem o indivíduo ficar sentado em frente ao aparelho de televisão, é uma marca da maneira de ver TV dos 16 jovens estudados. Com algumas exceções - particularmente dos dois estudantes mais velhos, que se dedicam com atenção a ver o **JN** de forma mais intensa, sem interrupções, ou pelo menos interrupções voluntárias -, quase todos os outros vêm o telejornal realizando outras atividades e, muitas vezes, apenas ouvindo o jornal, só se aproximando da televisão quando a matéria os interessa. Foram inúmeros os casos de entrevistados que diziam "ser estranho ver assim", - deixando de lado o impacto ou a invasão que a minha presença significava - já que "ver assim" significava ver televisão parado. Alguns chegaram a descobrir novidades em relação ao próprio jornal. Uns elogiaram algumas matérias, afirmando que aquela reportagem era interessante e que em circunstâncias "normais" não a veriam; enquanto outros, ao se verem sentados diante da televisão, se permitiram analisar criticamente cada elemento do jornal, do visual ao texto, das falas às imagens, chamando a atenção para o sentido da própria organização do jornal, o que na maioria das vezes passara despercebido para eles.

Alguns dados ficaram muito evidentes nas entrevistas. Televisão é um assunto que estes jovens dominam de alguma forma. Eles têm posição definida sobre ela, conhecem os programas e os canais e têm um repertório grande de programas prediletos dentro dos mais variados gêneros: do jornalístico ao ficcional, passando por filmes, desenhos animados ou programas esportivos. Este tema lhes diz respeito; ninguém estranhou minha pesquisa e nenhum estudante declarou que não via televisão ou não tinha programas prediletos.

Isto me remeteu à tese de doutorado de Nara Magalhães (Magalhães 2004:84) onde a antropóloga comenta a sua surpresa com o desenrolar da pesquisa. Ela realizou uma etnografia com pessoas de camadas médias da cidade de Ijuí, no interior do Rio Grande do Sul. No primeiro contato, a grande maioria de seus entrevistados afirmou que não via quase televisão, desprezando o veículo e seu conteúdo, numa clara perspectiva adorniana dos meios de comunicação de massa. À medida em que avançava em sua etnografia, ia percebendo que, ao contrário do que afirmaram inicialmente, seus entrevistados viam televisão e, mais do que isso, conheciam muito bem o assunto. Tinham opinião sobre programas, horários e conteúdos. A antropóloga passou então a tratá-los como "especialistas" em televisão. E foi percebendo suas visões do veículo.

Em primeiro lugar, o valor simbólico agregado a ele explicitado pelo lugar em que estava colocado na casa. Em seguida, as formas de ver televisão e os programas mais valorizados em seus discursos. O **Jornal Nacional** apareceu com destaque. Os jornais são qualificados positivamente, desde que se saiba "assistir conscientemente", pois é necessário se manter informado. E a grande maioria escolheu o **JN** para a ser assistido junto com a pesquisadora. Para a antropóloga, o telejornal reunia aspectos contraditórios na visão de mundo de seus entrevistados: era importante porque informava, mas era preciso estar atento para a manipulação feita pela televisão. E aquele grupo, pertencente ao universo de camadas médias, se achava preparado para fazer uma leitura crítica da televisão sem ser manipulado por ela. Ao contrário do restante da população de baixa renda e semi alfabetizada, que segundo o grupo, era considerada sem condições para tal.

Me deparei com este mesmo tipo de discurso em várias entrevistas com os estudantes universitários. Muitos afirmavam com ênfase que a entrada na universidade tinha transformado não apenas a sua maneira de ver o mundo, mas também a sua maneira de ver televisão e de ver o próprio **Jornal Nacional**. Sentiam-se menos inocentes, menos ingênuos e muito mais críticos em relação às matérias veiculadas. O depoimento de D., aluna do curso de Serviço Social, ilustra bem essa idéia.

*"Me dá a impressão de que antes de eu fazer Serviço Social, não sabia da verdade. Não sei se cada curso que você faz sabe de uma verdade. E parece que antes eu não sabia de nada e agora eu sei. E o que é pior, fiquei triste(...) E em relação ao **Jornal Nacional**, depois que você começa a estudar, você vê que eles escondem as coisas. E se você não estuda, não vai saber. Se você vê o **JN** a vida inteira, vai achar que o mundo é belo."*

Esse depoimento é muito rico, a meu ver, por diferentes aspectos. De um lado, aponta para esta nova visão do noticiário depois da entrada na universidade e dá a essa entrada um "status", um valor simbólico muito grande. Há uma visão de que a imprensa esconde a realidade e é preciso estudar, ser universitário para desvendá-la

O significado da entrada dos jovens na universidade se tornou um dos eixos centrais desta pesquisa e foi sendo construído a partir dos discursos dos meus entrevistados. Para grande parte deste grupo, a vida se divide em antes e depois da entrada na universidade. A entrada na universidade, mais do que um rito de passagem, uma mudança de situação social, implica para muitos em uma transformação na sua visão de mundo e no seu estilo de vida. Isso ocorre de forma mais intensa entre os alunos de Serviço Social e Pedagogia, em menor intensidade com os estudantes de Comunicação Social, sendo ainda menos presente entre os futuros médicos.

Isso porque uma parte dos alunos de Serviço Social e Pedagogia entrevistados estudaram em pré-vestibulares para negros e carentes da própria universidade ou de comunidades pobres e a maioria destes jovens faz parte de famílias de baixa renda, com pouca escolaridade, cujos pais muitas vezes não completaram o curso primário. Estes jovens são, portanto, os primeiros indivíduos de suas respectivas famílias, - num sentido mais amplo, incluindo aí tios, avós e primos -, a entrar na universidade. E este fato tem um grande significado social para eles. Para muitas famílias a universidade é um mundo distante, destinado às camadas mais privilegiadas, ao qual eles não têm acesso e, em muitos casos, nem "deveriam" querer ter. É o caso de D., aluna de Pedagogia, filha de pai porteiro e trocador de ônibus e mãe lavadeira, que afirma que embora sua mãe sempre "pegasse no seu pé" em relação ao estudo, cobrando bastante, achava que a "universidade não era para filho de pobre". Mas mesmo assim, segundo a estudante, ajudou-a em diversos momentos.

A sua entrada na faculdade não foi sem dificuldades. Era um ambiente novo, um mundo muito diferente. E o perfil dos alunos da universidade na qual estuda - particular, de elite e da zona sul do Rio de Janeiro - contrastava demais com a sua realidade social. A diferença financeira é grande e aponta para preocupações distintas. Segundo seu depoimento, as colegas tinham uma grande preocupação com estética e, para o seu padrão, tinham gastos elevados com estes produtos. Da sua parte, ela tinha uma filha pequena e vivia com um orçamento apertado, vendendo cosméticos para aumentar a renda e estando constantemente preocupada em que não faltasse leite para sua filha. E a

dificuldade financeira também atrapalhava na aquisição de livros e fotocópias. Além de ela ter pouca familiaridade com aquele tipo de leitura. Outro depoimento destaca o papel de vários professores que, não só davam as cópias dos textos para os alunos oriundos dos pré-vestibulares para carentes, como procuravam ajudá-los na leitura. E quando L. é perguntada sobre como está agora na faculdade, como se sente no sexto período, comenta:

" Ah! Agora tá muito bom. Se bem que de vez em quando a gente se pega numa crise assim: ' ah, o que que eu tô fazendo aqui? Esse mundo não é meu'. Essa universidade é uma paulada. Porque a gente chega lá, você de área carente, vem através de um curso, você é bolsista, então tem uma série de coisas assim que não estão explícitas, tão implícitas."

Por fim, o que me parece bastante comum ao universo pesquisado é a forma de recepção da televisão de maneira geral e não apenas do noticiário. Os estudantes realizam tarefas ao mesmo tempo, jantam e ouvem o **JN**. E fico lembrando das afirmações dos manuais de telejornalismo que garantem que "uma imagem vale mais que mil palavras"... Quando o que pude perceber é que nem sempre a imagem vem na frente. Há uma recepção da TV idêntica a do rádio. Os telespectadores ouvem a televisão e, em momentos especiais, vão vê-la. Nenhum dos meus entrevistados afirmou fazer o contrário, ver sem o som. Até porque a escuta é possível de ser conciliada com outras tarefas.

Considerações Finais

Estudar a relação dos jovens com a televisão implicou em ver como eles vêem a "telinha", como se posicionam diante dela, até em termos físicos. A maneira como a encaram e a assistem e o fato de serem uma audiência fluída e dispersa em muitos momentos, diz muito desta relação. E também muito sobre a juventude. Juventude que está sempre em movimento, em busca do novo, tentando, como característica desta fase tão intensa, "fazer tudo ao mesmo tempo agora", como um entrevistado me dizia.

Lembrava também da perspectiva de Bourdieu (Bourdieu 1983:112-121) que afirma serem as divisões entre as idades arbitrárias e que a juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e velhos. Há alguns jovens nesta pesquisa, pertencentes às camadas médias altas, que possuem atributos do adulto

ou do nobre, nos temos de Bourdieu, por sua proximidade com o poder. E o contrário também ocorre. Há jovens que estudam e trabalham, que têm a mesma idade biológica de outros, que são também estudantes, mas têm condições de vida, de trabalho e de estudo muito distintas. Não é á toa que o sociólogo afirma que *"As classificações por idade(mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar."* E este trabalho confirma esta idéia ao perceber que as diferenças são grandes, mesmo num grupo relativamente pequeno - 16 estudantes - de uma mesma cidade com idades muito próximas. Há uma distância geográfica entre vários deles que aponta para uma distinção de classe, de visão de mundo, de estilo de vida e também de recepção de televisão.

Eu me perguntava no início deste trabalho se os jovens viam o **Jornal Nacional** e o que eu faria se durante a pesquisa descobrisse que eles não o assistem. Mas aos poucos, não só fui confirmando o quanto o **JN** é uma referência também para eles, como ele é fonte de sentimentos os mais variados, que vão do amor ao ódio. Jamais de indiferença. Os meus entrevistados têm uma relação particular com o programa. Alguns comentaram a raiva que sentiam, o quanto gostavam dos apresentadores e elogiavam as matérias ditas positivas. E para "ver melhor" televisão a entrada na universidade é um ponto fundamental. Fundamental porque para muitos estudantes ela irá modificar a sua visão de mundo e do próprio telejornal. E é importante salientar também que muitos jovens são os primeiros membros de suas famílias a fazer um curso superior.

Entender o que significa ser universitário para estes jovens foi se tornando elemento importante na pesquisa. Sabendo que juventude é uma categoria social e como tal variável, ficou evidente o quanto para este grupo, ser universitário está associado à idéia de transitoriedade, entendida como uma etapa de transição. Ela implica na passagem de uma condição social mais dependente para o ingresso na vida adulta.

Ficou bastante evidente que, ainda que o **Jornal Nacional** seja uma referência para os entrevistados, sua importância foi muito relativizada em seus discursos. Seja pelos que se mostraram críticos em relação ao seu formato e ao seu conteúdo, seja pelos que valorizaram seu conteúdo. Para todos o **JN** é uma fonte de informação, mas não a única, nem a mais importante. Ela está sendo cotejada com várias outras, com suas vivências, com informações vindas de outros veículos, da própria universidade e de suas redes de relações pessoais e de parentesco.

Portanto, a maneira como lidam, vivenciam e se relacionam com a televisão e, especificamente com o **Jornal Nacional**, tem estreita relação com as suas identidades como jovens estudantes universitários. Ficou nítido que o **JN**, como parte de um sistema mais amplo de comunicação, pode afetar e influenciar no conjunto de informações e conhecimentos que estes jovens adquirem, assim como seus projetos pessoais. A própria leitura que estes jovens fazem do telejornal aponta para esta oposição: totalização e fragmentação. O mundo moderno aparece na televisão como uma bricolagem, uma soma de pequenos pedaços e o jornal surge dando ordem ao caos. Não é à toa que alguns comentavam que embora o jornal mostrasse muitas tragédias e notícias negativas, assistir a ele lhes dava uma sensação de tranquilidade.

Mas os meios de comunicação de massa, e este telejornal em particular, não são produtos exclusivos da sociedade brasileira. Eles são uma valiosa porta de entrada para compreendermos os fenômenos sociais produzidos por seus "nativos". Debra Spitulnik (Spitulnik 1993:293-314), chama a atenção para o fato de ainda não ser possível falarmos em uma "antropologia dos meios de comunicação de massa". E para Spitulnik, há inúmeras maneiras de se abordar antropologicamente os meios de comunicação: como instituições, como lugares de trabalho, como práticas comunicativas, como produtos culturais, como atividades sociais, como formas estéticas e como desenvolvimentos históricos.

No Brasil a televisão é uma espécie de ser "onipresente". Ela está em todos os lugares, em todas as casas. Ela certamente nos une muito mais do que nos diferencia, mas ainda falamos muito pouco sobre ela. Há uma tensão presente entre um conteúdo que é produzido para muitos e a recepção que se dá individualmente. E é neste contexto que a antropologia pode dar a sua contribuição, utilizando a sua bagagem teórica e a sua metodologia específica para pensar seus "nativos". Porque através desses estudos aprenderemos mais, não só sobre os produtos, como sobre as suas relações com a sociedade.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, H. & BRANCO, P.P. M. *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- ABU-LUGHOD, L. "A interpretação de cultura(s) após a televisão", *Cadernos de Antropologia e Imagem*, UERJ: 2001, 132: 103-129.
- ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983
- BUCCI, E. *O Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- DICKEY, S. "La antropología y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicacion"
In: *Revista Internacional de Ciências Sociais*, UNESCO 153: 1-23, 1997. In:
www.unesco.org/issj/rics153/dickeys.html
- MAGALHÃES, N. M. E. *Televisão, uma vilã na sociedade contemporânea*. PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2004 (tese de doutorado)
- MARTIN-BARBERO, J. & REY, G. *Os exercícios de ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001
- PONTE, C. *Leituras das notícias – contributos para uma análise do discurso jornalístico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004
- SCHUTZ, A. *Collected Papers*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1973
- SILVERSTONE, R. *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- SPITULNIK, D. "Anthropology and mass media", *Annual Review of Anthropology*, 1993, 22: 293-314.
- TARDE, G. *A opinião e as massas*. SP: Martins Fontes, 1992.
- TRAVANCAS. *I.O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1993.
- VIANNA, H. (org.) (1997) *Galeras cariocas*. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1997
- WOLF, M. *La investigación de la comunicación de masas*. Buenos Aires: Paidós, 2004